



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos referentes ao Estatuto do Torcedor**

Palácio do Planalto, 13 de março de 2009

Meu caro companheiro presidente do Senado Federal, José Sarney,
Companheiros ministros Tarso Genro, da Justiça; Orlando Silva, do
Esporte,

Ministro Gilson Dipp, corregedor do Conselho Nacional de Justiça,
Companheiros deputados federais aqui presentes, José Rocha e
Geraldo Magela,

Senhor Leonardo Azeredo Bandarra, presidente do Conselho Nacional
dos Procuradores-Gerais do Ministério Público dos Estados e da União,

Meu caro Ricardo Teixeira, presidente da CBF – espero que mande o
Dunga me convidar para a Seleção, para jogar na próxima Copa do Mundo.

Senhor Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo,

Senhoras e senhores magistrados, procuradores, demais membros do
Ministério Público,

Representantes de associações e entidades esportivas,

Meus caros companheiros líderes de torcidas organizadas,

Meus amigos,

Meu caro companheiro Vanderlei Luxemburgo.

Eu sou um azarado, porque eu sou corinthiano e todo mundo sabe, não
tenho problema de dizer que sou corinthiano. Tenho um filho que trabalha no
Palmeiras, tenho um filho torcedor do São Paulo e tenho um neto torcedor do
Palmeiras. E tenho um amigo, agora, que foi eleito presidente do Palmeiras,
que é o nosso companheiro Belluzzo. Então, não tem nada mais exemplar de
uma família torcedora plural, e nunca brigamos por causa de futebol, nunca.



Eu penso, Orlando, que no próximo encontro que a gente fizer sobre esporte, nós teremos que pedir para os companheiros que vierem para cá, representando os clubes, cada um viesse aqui com o uniforme do seu time. Não precisa vir de calção, porque devem ter as canelas muito finas e muito feias. Mas que viessem para cá para que se fotografasse os dirigentes dos clubes de futebol, os técnicos, cada um com a sua roupa, para que as torcidas percebessem que o confronto dentro do campo é uma prática esportiva que termina quando o juiz apita o final do jogo.

Se a gente quiser olhar o exemplo maior de tudo isso, é na luta de boxe. Numa luta de boxe, um lutador massacra o outro, derruba o outro, e ele é o primeiro a correr para abraçar o cara que ele derrubou. Ou seja, eles têm consciência de que na hora em que eles estão se esmurrando é apenas o cumprimento de regras esportivas de um esporte que eles fizeram opção.

O futebol precisa se transformar numa lógica parecida com essa. Eu sei que é muito difícil, Orlando, colocar... Eu já fui moleque, você ainda é quase moleque, é muito difícil você imaginar... Uma coisa é ter 60 mil pessoas em um estádio, cada um saindo da sua casa individualmente, com a sua família, e chegar ao estádio, comprar o seu ingresso e sentar. Outra coisa é arrumar uma turma para ir para o estádio.

Se colocar jovens de 20 anos, de 17 anos, de 14 anos sozinhos, eles são umas “meninas”, de tranquilos. Agora, coloque 50 juntos, coloque 100. E se ainda pararem para tomar uma “birita” no bar, antes de chegar ao estádio, eles ficam mais afoitos, ficam mais ousados. E basta que um dê um sinal, um gesto impensado, para a desgraça acontecer.

Antigamente, quando a gente ia a um estádio – e é bom ser velho, porque a gente fala de antigamente –, ia para o estádio e se sentava, no máximo, com um ou dois companheiros, se sentava ali. Eu não conhecia o cara da minha direita, o cara da minha esquerda e estava ali. Hoje, não. Hoje a guerra está demarcada, porque a própria lógica do futebol... vai ao Estádio do



Morumbi, já tem a turma do São Paulo em tal lugar, a turma do Palmeiras em tal lugar; vai ao Parque Antártica, é a turma do Palmeiras... Ou seja, nós mesmos estimulamos, com essa divisão, a provocação, a guerra.

Se nós monitorássemos os estádios – e posso dizer para vocês que o Ministério da Justiça está disposto a financiar – para que o torcedor pudesse levar sua mãe de 90 anos e o seu filho de três meses ao estádio, se ele souber que está sendo monitorado por um esquema de televisão e que se ele cometer uma arte qualquer alguém vai estar olhando ele, alguém vai detectá-lo e alguém vai pegá-lo na porta da saída do estádio, a gente pode colocar todo mundo junto, pode colocar um com a camisa do Palmeiras, do Corinthians, do Santos, do Flamengo, do Vasco, do Náutico, do Sport, do Santa Cruz, pode colocar do Vitória, do Esporte Clube Bahia, pode colocar do Paissandu, todo mundo junto. Se eles souberem que estão sendo monitorados...

É como em um shopping, é como em um aeroporto de avião. Todos vocês, para virem para cá, na hora que vocês chegaram ao aeroporto vocês estavam sendo vigiados. Vocês pensam que não, mas estavam sendo vigiados. Entra em um shopping, está todo mundo vigiado. Por que em um estádio nós não fazemos isso? Como garantia para que o torcedor se sinta à vontade, para que o torcedor se sinta tranquilo, sabendo que o mesmo Estado que cobra imposto dele e o mesmo clube que quer que ele compre um ingresso para ser torcedor do seu time, estão assumindo responsabilidade para que esse jovem, para que essa pessoa, para que esse senhor vá a um estádio com a certeza de voltar para casa tranquilo, ganhando ou perdendo.

Isso é plenamente possível fazer, Orlando, plenamente. Primeiro, passar para o torcedor a idéia de que essas medidas não são contra o torcedor, essas medidas são favoráveis para que ele possa torcer mais. Mas que ele possa, ao ir para o estádio, se despedir da mãe na hora que sai e deixar com a mãe a certeza de que vai voltar, e vai voltar tranquilo, e que não precisa brigar.

Então, eu acho que essa separação das torcidas, que a gente imaginava



que era um estímulo para acabar com a violência, termina sendo um foco estimulador da violência. Bote... quem foi, não sei hoje se é assim ainda, mas quem aqui morou em uma vila, e se fosse em outra vila tomava cacete? Quem não fez “guerra de pedra”? Quem não fez “guerra de mamona”? Isso só se faz quando você está em batota. Quando você está sozinho, você anda pela calçada quietinho, você não quer nem ser enxergado por ninguém. Mas se você está em 20, 30 ou 10, você vira um galo, não o Galo da Madrugada, vira um galo de rinha. Todo mundo sabe que é assim.

Então eu acho, Tarso, que é extremamente importante que o Orlando, você, o nosso Presidente da CBF e os presidentes das Federações se reúnam para a gente decidir monitorar os estádios de futebol, e mesmo na frente, na saída. A gente cuidar disso com muito carinho, porque é isso que vai permitir a volta das pessoas aos estádios. É isso que vai permitir que uma pessoa que gosta de futebol, mas que não seja fanática por nenhum time, apenas gosta, vá ao estádio e não se sinta constrangida em saber se vai se sentar do lado da torcida do São Paulo ou do lado da torcida do Flamengo. Ele vai ao estádio, ele comprou um ingresso, que deve ter um número, e que esse cidadão saiba que ao chegar ao estádio o seu número estará lá. E ele não pode ter medo de quem está perto dele, quem está perto dele não é um inimigo, é um torcedor.

É essa a cultura que eu acho, presidente Sarney, que nós poderíamos instituir, com uma regulamentação bem feita do Estatuto do Torcedor. É essa coisa quase sagrada, porque nós – eu digo isso com muito orgulho – precisamos enxergar o esporte como uma atividade esportiva, é verdade, como uma atividade cultural, é verdade. Mas também nós temos que enxergar o esporte como uma atividade econômica, que distribui renda, que paga salários e que movimenta uma parte da economia brasileira. Quanta gente ganha dinheiro vendendo pipoca, vendendo amendoim – sobretudo para quem está na idade do Vanderlei Luxemburgo –, vendendo algodão doce, vendendo refrigerantes, vendendo uma série de coisas. Imaginem quanta gente, no



domingo, ganha dinheiro.

Agora, o que nós precisamos é acabar com o sofrimento do torcedor. Quando eu vejo aquelas filas imensas, com um torcedor ficando 3, 4, 5 horas em uma fila para comprar um ingresso, é porque nós estamos sendo irresponsáveis.

Eu disse ao Orlando agora há pouco, na minha sala, que eu já pedi na semana passada, e ele pode conversar na segunda-feira com a Presidenta da Caixa Econômica, nós já temos um modelo pronto para apresentar para vocês, em que o torcedor poderá comprar o ingresso na casa lotérica, ele não tem que pegar um ônibus para ir a um estádio ou pegar um carro. Ele sai da sua casa, e na primeira lotérica que tiver ele compra o seu ingresso. Tem que ser numerado e ele tem que saber que, [quando] chegar lá, alguém do clube tem a responsabilidade de garantir que ele vai encontrar o seu lugar e que ele, portanto, vai se sentar.

Aí o cidadão vai perceber que ele está sendo melhor tratado, porque sem o torcedor não existiria futebol. Essa é a verdade: sem o torcedor não existiria futebol. Se não tivesse a gente para aplaudir e para vaiar... Vaiar é uma coisa até estranha, porque eu não me lembro, no meu tempo, de eu ir em campo para vaiar o meu time. A gente vaiava o adversário, mas o time da gente, a gente não vaiava.

Hoje há uma inquietação, muitos jogadores entram em campo com medo. Eu me lembro de uma cena, Vanderlei, eu me lembro de uma cena quando o Corinthians perdeu a Libertadores para o Palmeiras, naquela noite maldita em que o Galeano empatou, no finalzinho do jogo, e o Marcelinho perdeu o pênalti. Aquela noite não sai da minha cabeça nunca. Mas eu me lembro do que a torcida fez com os jogadores. Eu fico imaginando se a cada vez que a gente fosse em um teatro e os artistas não fossem tão bons quanto a gente imaginasse, nós esperássemos os artistas na porta para surrá-los. Eu fico imaginando se um lutador de boxe [para quem] a gente torce e imaginava



que ele fosse ganhar, além do coitado ser nocauteado no ringue, a gente esperasse ele do lado de fora.

Nós temos que perceber que os jogadores são todos jovens também, muitas vezes não-preparados até para a fama que eles pegaram repentinamente. Muitas vezes não-preparados até para a quantidade de dinheiro que eles ganham, não sei se muito ou pouco. Certamente, quem chega a titular de um time grande ganha mais do que o Presidente da República, certamente. Ou seja, esses jovens erram dentro do campo, eles têm emoções. Se a gente for punir a cada vez que não der certo e a torcida se sentir no direito de atacar, de quebrar alambrado e de fazer coisas, como é que a gente vai sobreviver?

E não é uma coisa do Brasil. Quem segue futebol sabe o que acontecia e que acontece ainda, na Europa. Mas hoje eu sinto inveja quando vejo um jogo de televisão do futebol inglês. Eu vejo o torcedor sentado, como vocês estão aqui, na minha frente, até mais próximo, vendo o jogador dele tomar bola no meio das pernas, vendo o jogador dele errar, e o cara está lá para assistir, o cara não está lá para orientar, o cara não está lá para xingar, o cara está lá para torcer. Então, eu penso que é essa cultura, Orlando, que nós precisamos criar. Além da lei, é preciso estabelecer uma nova cultura.

Eu não tenho nada e não sou contra as torcidas organizadas porque, muitas vezes, quando o time está perdendo, está mal, está desestimulado, muitas vezes a torcida organizada é o 12º jogador: é ela que grita, é ela que estimula. É um menino de 20 anos, que não tem dinheiro, mas arruma emprestado com um amigo, pega um ônibus e anda 20 horas para ver o seu time jogar. Nós temos que também entender a importância desse jovem.

Então eu penso, Orlando, a minha preocupação é que eu acho o esporte uma coisa sagrada para o Brasil, o esporte não é uma coisa qualquer no Brasil, o futebol, sobretudo, não é uma coisa qualquer. Não tem nada que mobilize mais este país do que o futebol, não tem paixão maior do que o futebol.



Nós também precisamos saber que as brigas não são só por conta... o pessoal não vai a um estádio não é só por conta das brigas. É que você vai em um estádio, você não pode beber e você corre o risco de tomar uma bordoadada. Então, você fica na frente de uma televisão, com uma cerveja sem limite, não vai passar pelo bafômetro quando sair do estádio. O único medo [risco] que você corre é a sua mãe achar que você já está demais e pedir para você sair. Então, a pessoa prefere ficar em casa. Por isso é que eu acho que os clubes precisariam valorizar mais a transmissão do futebol.

Esses dias, eu fiquei pensando: aqui em Brasília estavam jogando Corinthians e Palmeiras, e estavam jogando um time, o Flamengo e um time do Rio de Janeiro. Obviamente que eu não entendo porque a TV aberta que transmitiu o jogo não transmitiu o Corinthians e Palmeiras, que era um clássico infinitamente mais importante para o Brasil...

Pois é, as pessoas têm que lembrar, também, que as pessoas que estão em casa gostam de ver coisa boa. Se estão jogando Flamengo e Vasco, Flamengo e Fluminense, são clássicos que merecem ser passados. Mas se você tem a rivalidade histórica de um Corinthians e Palmeiras, não tem sentido passar apenas na TV paga. Isso é respeito ao torcedor. É garantir que a pessoa pobre, que mora lá na Favela de Paraisópolis, lá no Morumbi, perto do campo do São Paulo, tenha o direito de ver o jogo mais importante do seu time na TV aberta. Não, hoje ele não vê. Se ele não tiver TV a cabo, ele não vê. Cadê o respeito ao torcedor? Como é que a gente vai fazer com que as crianças tenham bons exemplos, se a gente não mostra para elas os bons exemplos dos estádios de futebol?

Então, eu espero que essa regulamentação, Orlando, e essa lei mas, sobretudo, essa prática... O Orlando deve procurar vocês, nós temos o modelo de garantir, se quisermos acabar com o cambista nós acabamos; se quisermos acabar com o sofrimento do torcedor, às vezes, na porta do estádio, naquela gaiolinha, comprando ingresso, nós acabamos. Ele vai na frente da casa dele,



na lotérica, chega lá, compra o seu ingresso e vai para o estádio na maior tranquilidade.

Eu quero, então, Orlando, dar os parabéns. O Orlando, eu acho que vocês sabem que é um menino diferenciado. Quando eu vim para o governo, eu tinha uma idéia na cabeça, de que a gente não poderia trazer uma pessoa famosa, um ex-jogador, por exemplo, para ser Ministro do Esporte, porque aí prevalece apenas o corporativismo. Por exemplo, vocês queiram ou não queiram, Orlando, nós vamos ter que rediscutir a Lei Pelé. Eu só peço que vocês não esperem que eu mexa. Mas eu acho que os presidentes de clubes precisam me apresentar uma proposta de mudança, para o Congresso saber o que é possível melhorar.

Porque, do jeito que está a coisa, nós nunca mais teremos o prazer de saber a escalação do time dois anos seguidos. Nunca mais. Obviamente que eu não quero que um jogador fique 10 anos, 15 anos no mesmo clube, eu quero que ele ganhe dinheiro, que ele possa trocar de clube. Mas hoje a gente não tem, a gente não sabe a escalação do nosso time. Quando você pensa: “Ah, está jogando fulano, beltrano e sicrano”, no domingo, você vê, já mudou tudo. E agora não estão indo mais para a Itália, para a Espanha, esse pessoal está indo para a Sibéria. Antigamente, o sonho das pessoas era jogar em um grande clube europeu. Hoje, não. Hoje, qualquer... Com essa crise econômica lá fora, eu acho que vai mudar.

Você vê jogador da Seleção, como o Robinho, jogando num time, equivalente aqui a o quê? Equivalente a... Não, não ao Palmeiras e nem ao São Paulo. Equivalente a um time pequeno, a um Volta Redonda, a um Taquaritinga, sei lá, mas é um time pequeno. Ou seja, não é possível. Antigamente eram só os times grandes, agora qualquer time na Europa está levando...

Então, eu quero que vocês me ajudem, porque eu trabalho com a consciência de que eu estou presidente apenas, meu mandato termina daqui a



um ano e 10 meses. Mas depois eu vou continuar sendo torcedor. Eu quero voltar a ir a um estádio, como sempre fiz na minha vida. Portanto, eu não estou fazendo apenas por vocês, eu estou fazendo... imagina um “veinho” de sessenta e poucos anos chegar em um estádio lá e ter medo de sentar do lado da Mancha Verde, ter medo do sentar do lado... Da Gaviões, não, porque eu boto uma camisa da Gaviões, então não vou ter medo.

O dado concreto é esse: nós, governantes, nós, dirigentes esportivos e nós, torcedores, temos que nos entender, para o bem de todos nós, senão... Acabou aquele tempo em que o Presidente da República falava: “Olha, não é da minha conta, esporte é um problema de quem dirige esporte”. O governador falava: “Não é da minha conta”. O prefeito falava: “Não é da minha conta”. Acabou isso. Hoje, é da conta do prefeito, é da conta do governador, é da conta do Presidente, é da conta do Poder Judiciário, é da conta do Ministério Público, é da conta do dirigente do clube. Por quê? Porque com o resultado positivo todos nós ganhamos, e com o resultado negativo todos nós perdemos.

Portanto, Orlando, vamos trabalhar, pedir ao presidente Sarney e ao presidente Temer que botem para votar logo esse projeto de lei, porque nós vamos ter a Copa do Mundo. E a Copa do Mundo, eu quero dizer para vocês, o presidente do São Paulo falou ali: a Copa do Mundo não acontece no dia, ela não acontece no mês de julho. Para os atletas já começa antes, para o país começa três ou quatro meses antes, porque quando faltarem três meses para a Copa do Mundo estarão aqui no Brasil jornalistas do mundo inteiro, para criticar ou para falar bem, vai depender de nós.

Todos os governadores sabem que nós estamos esperando a Fifa decidir quais as cidades onde vai ser a Copa do Mundo. Quando a Fifa decidir, nós vamos – não é da responsabilidade do governo federal, mas nós temos uma lista de compromissos que o governo federal assumiu – nós vamos querer participar da construção de todos os projetos de mobilidade urbana neste país. Vamos querer participar para que o Brasil, quando receber aqui a imprensa



estrangeira e os torcedores estrangeiros, que eles saiam daqui com uma imagem positiva do nosso país.

Futebol nós temos, para isso. Agora, é preciso que a gente combine o futebol à organização, que falta muito.

Muito obrigado, e boa sorte.

(\$211A)